



## PROTESTOS DAS JUVENTUDES LATINO-AMERICANAS DURANTE A PANDEMIA

### *PROTESTS OF LATIN AMERICAN YOUTH DURING THE PANDEMIC*

 **Mariana de Carvalho Sousa**

Bacharel em Ciência Política.  
Universidade federal do Piauí - UFPI  
Teresina, Piauí - Brasil  
[marianacsousa@outlook.com.br](mailto:marianacsousa@outlook.com.br)

 **Olivia Cristina Perez**

Doutora em Ciência Política.  
Universidade federal do Piauí - UFPI  
Teresina, Piauí - Brasil  
[oliviaperez@ufpi.edu.br](mailto:oliviaperez@ufpi.edu.br)

**Resumo:** A pandemia causada pela Covid-19 trouxe consequências sanitárias, sociais, políticas e econômicas. Para entender se esse período de crise foi capaz de alterar o ciclo de protestos em curso na América Latina, especialmente no Chile, na Colômbia e no Brasil, a presente pesquisa apresenta notícias de jornais que versam sobre os grandes protestos atuais na região e dados de uma pesquisa com 165 organizações políticas das juventudes ibero-americanas. Os resultados demonstram continuidades nos ciclos de protestos que já haviam se iniciado em diversos países da região. Também houve a inclusão da defesa da saúde pública nas pautas dos protestos e uso mais acentuado das TICs como uma das estratégias.

**Palavras-chave:** juventudes; pandemia; protestos.

**Abstract:** The Covid-19 pandemic has brought health, social, political and economic consequences. To understand whether this period of crisis was able to change the ongoing cycle of protests in Latin America, especially in Chile, Colombia and Brazil, this research presents news from newspapers that deal with the current major protests in the region and data from a survey of 165 political organizations of Iberoamerican youths. The results demonstrate continuities in the cycles of protests that had already started in several countries in the region. There was also the inclusion of the defense of public health in the protest agendas and more accentuated use of TICs as one of the strategies.

**Keywords:** youths. pandemic. protests.

#### Para citar – ABNT NBR 6023:2018

SOUSA, Mariana de Carvalho; PEREZ, Olivia Cristina. Protestos das juventudes latino-americanas durante a pandemia. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 74-87, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v21n2.22774>.

## Introdução

A década de 2010 marcou a história da América Latina em razão do intenso ciclo de protestos com forte presença de jovens estudantes. Dentre eles, podemos destacar as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, a Primavera do Chile ou Revoltas no Chile de 2019 e os protestos na Colômbia em 2019, contra o “pacotão” de medidas do governo.

Foi nesse contexto de agitação política que a pandemia causada pela Covid-19 se espalhou pela região, por volta de março de 2020. A pandemia trouxe consequências como o desemprego, a fome, traumas psicológicos e falta de perspectivas para o futuro. Ainda não se sabe por quanto tempo a doença estará presente, quais serão as suas consequências, muito menos como mitigá-las, mas a certeza presente e uniforme é que a pandemia revelou e aprofundou as desigualdades sociais em suas múltiplas facetas.

Embora muitos tenham sido atingidos pela pandemia, os jovens estão no centro desses problemas. Houve um aumento vertiginoso de depressão, falta de motivação, irritação e ansiedade entre eles (FOLHA DE S. PAULO, 2020a). E os índices de desemprego cresceram. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), no Brasil, embora o desemprego tenha aumentado para todos entre abril e junho, para a faixa etária de 18 a 24 anos, ele atingiu 29,7% contra 13,3% para a média da população ativa. A diferença entre a taxa de desemprego da população de 18 a 24 anos e a média do mercado nunca foi tão alta (FOLHA DE S. PAULO, 2020b).

Uma das formas de conter a doença é por meio do distanciamento social. Conforme orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), as aglomerações devem ser evitadas e, se for necessário sair de casa, recomenda-se a utilização de máscaras (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020). Essas medidas poderiam alterar as estratégias das organizações políticas que têm em ações, como os protestos nas ruas, uma das principais formas de vocalizar demandas.

Para entendermos a fundo como os jovens engajados politicamente se comportaram nesse contexto, a presente pesquisa explora as pautas e as estratégias de mobilizações políticas das juventudes durante a pandemia, procurando responder à seguinte pergunta: o que mudou nos ativismos das juventudes no contexto de crise causado pela pandemia da Covid-19? Por um lado, espera-se que essa mobilização tenha perdido fôlego, em virtude da dificuldade de realização de protestos. Por outro lado, o agravamento dos problemas sociais por decorrência da crise pode ter incentivado a mobilização dos jovens.

A juventude tem sido objeto de estudo desde o século passado, tendo gerado abordagens conflitantes sobre a definição do que é ser jovem e sobre até qual idade a juventude se estenderia. Adotamos a definição de Boghossian e Minayo (2009), segundo a qual a juventude pode ser compreendida simultaneamente como um momento do ciclo de vida e como um conjunto de condições

sociais dos sujeitos. Nesse sentido, referimo-nos às juventudes, conscientes de que a definição do que é ser jovem varia entre os países e dentro da mesma sociedade (ARAÚJO; PEREZ, 2021).

O estudo da participação política entre as juventudes não é um tema recente e tampouco restrito a uma ou outra abordagem. Os estudos têm versado especialmente sobre a compreensão de como os jovens formulam suas preferências políticas e se engajam na sociedade (RIBEIRO, 2012); sobre a participação dos jovens nos ciclos de protestos recentes (PEREZ, 2019; VÁZQUEZ et al., 2019) ou sobre os impactos da internet na participação política (BAQUERO; MORAIS, 2018). Contribuindo com esse campo, abordamos a participação política das juventudes em protestos durante a pandemia.

Como referencial teórico, adotamos explicações da teoria do confronto político. Conforme Tarrow (2009, p. 25), os ciclos de confrontos acontecem “[...] uma vez que os recursos para uma ação coletiva se tornam disponíveis para as pessoas comuns e para as pessoas que diziam representá-las [...], produzindo os períodos de turbulência e reorganização”. Quando iniciado o ciclo, há uma redução dos custos da ação coletiva para outros atores e uma difusão dos quadros interpretativos e de modelos de ativismo. Ou seja, os ciclos de confrontos incentivam mais mobilização social e difundem modos de ativismo. Logo, os efeitos do ciclo vão muito além dos objetivos visíveis do movimento: “[...] eles deixam atrás de si uma ampliação permanente na participação, na cultura popular e na sua ideologia” (TARROW, 2009, p. 25).

Com base nesse referencial, defendemos que as manifestações que aconteceram, em meados da década de 2010, em países da América Latina como Chile, Colômbia e Brasil, forneceram elementos para a continuidade do ciclo. E as mobilizações das juventudes atuais carregam pautas e estratégias desse ciclo anterior, ainda que adaptadas ao contexto pandêmico. Acrescentando elementos novos a essas análises, consideramos que, no atual período de crise, há pequenas inovações, sobretudo a inclusão de pautas relacionadas à saúde e de estratégias que reforçam a centralidade das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) entre as juventudes. Mas não se trata de rupturas ou de um novo mundo e, sim, de continuidades em relação aos ciclos anteriores.

Metodologicamente, realizamos uma pesquisa qualitativa e comparativa que tem como fonte de dados documentos versando sobre as mobilizações políticas das juventudes em contexto pandêmico, especialmente no Chile, na Colômbia e no Brasil. Escolhemos esses países pelo fato de eles já estarem vivendo um intenso ciclo de protestos com forte presença de organizações de juventudes antes do período pandêmico.

Detalhadamente, coletamos notícias de jornais que abordam os grandes protestos que tomaram as ruas desses países em 2020 e 2021. Quando comparados aos protestos anteriores, esses dados revelam continuidades nas pautas e estratégias, bem como inovações. Para comprová-los,

apresentamos dados de uma pesquisa do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO) (VÁZQUEZ et al, 2021) realizada pelo Grupo de Trabalho Infâncias e Juventudes, eixo participação política, que aplicou 165 questionários em organizações políticas das juventudes oriundas de sete países Ibero-Americanos (Argentina, Brasil, Equador, Chile, México, Colômbia e Espanha).

Consideramos importante pensar as juventudes no cenário atual por diversos motivos. Em primeiro lugar, os jovens estão no centro das múltiplas desigualdades sociais reveladas e acentuadas durante a pandemia. Ademais, historicamente os jovens têm tido um papel central no ciclo de protestos e nas alterações do contexto político via mobilização social. Nesse sentido, ao investigarmos as ações políticas das organizações das juventudes, revelamos uma importante faceta da trama associativa que está atuando na pandemia e que poderá perdurar após o fim desse contexto de crise. Por fim, a pesquisa responde a uma certa sensação de que a pandemia inaugurou novas práticas e um mundo distinto.

### Juventudes e Protestos

As juventudes têm sido protagonistas de grandes protestos que tomaram as ruas da América Latina antes da pandemia, como aqueles que ocorreram no Chile a partir de 2006 (DE LA CUADRA, 2008; MOYA; GALLARDO, 2019), as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil (PEREZ, 2019) e os protestos na Colômbia em 2019 contra as medidas do governo Duque (BBC NEWS BRASIL, 2019). Guardadas as particularidades, é possível perceber similaridades nos temas e estratégias desses ciclos de protestos. Por exemplo, organizações de juventudes foram responsáveis por seu início e por levantar novas demandas relacionadas ao reconhecimento de identidades, ampliação e concretização de direitos. O protagonismo das juventudes nesses protestos reacendeu o interesse acadêmico pelo tema.

Mais detalhadamente, no Brasil, o Movimento Passe Livre, formado por jovens estudantes universitários, organizou protestos na cidade de São Paulo contra o aumento da tarifa de ônibus em meados de junho de 2013. No início, eram cerca de duas mil pessoas nas ruas; em duas semanas havia mais de um milhão (FOLHA DE S. PAULO, 2015). Os protestos se espalharam pelo Brasil, marcando o início do ciclo de confrontos conhecidos como Jornadas de Junho de 2013 (PEREZ, 2019; PEREZ, 2021; TATAGIBA, 2014; TATAGIBA; GALVÃO, 2019). A principal queixa dos manifestantes se dirigia ao governo e ao sistema político, seguida de perto pelas reivindicações ligadas às condições de vida e, em menor escala, referentes a salários e condições de trabalho (TATAGIBA; GALVÃO, 2019). Eram, portanto, pautas difusas.

Mas os protestos não se encerraram em junho, pelo contrário: eles começaram a ter como

pauta justamente o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff, que foi deposta do cargo em 2016 (TATAGIBA, 2019; ALMEIDA, 2019). Em seu lugar, assumiu seu vice-presidente, Michel Temer (do Partido Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), agora MDB), com projetos mais à direita no espectro político ideológico. No pleito seguinte, Jair Bolsonaro (à época filiado ao Partido Social Liberal (PSL), e agora sem partido) foi eleito presidente do Brasil, marcando a ascensão da direita ao Governo Federal. O Brasil vive então um outro ciclo político que tem relação com as Jornadas.

O último grande protesto no Brasil antes da pandemia ocorreu em 2019, quando os jovens estudantes foram novamente às ruas contra o bloqueio de recursos anunciados pelo Ministério da Educação naquele ano (G1, 2019) já sob o governo Bolsonaro. Foi a primeira grande onda de manifestações depois que o atual presente, Jair Bolsonaro, tomou posse. Embora o protesto tenha acontecido em várias cidades brasileiras, seu tamanho não se compara ao ciclo das Jornadas de Junho de 2013 e, diferentemente destas, tampouco gerou mais mobilizações. A pauta era mais específica do que as referidas Jornadas: em 2019, os protestos das juventudes denunciavam o desmonte na educação promovido pelo governo Bolsonaro.

No Chile, apenas para citarmos os protestos antes da pandemia, ainda em 2006, estudantes secundaristas saíram às ruas para exigir a gratuidade do passe escolar e a diminuição do valor da inscrição na Prova de Seleção Universitária (PSU), em protestos que ficaram conhecidos como “Marcha dos Pinguins” (DE LA CUADRA, 2008; MOYA; GALLARDO, 2019). Em 2011, a Confederação de Estudantes do Chile (CONFECH) convocou, junto às associações de professores, protestos contra o modelo de educação chileno e a favor da educação pública e gratuita para todos (MOYA; GALLARDO, 2019). Em 2019, ocorreu uma outra série de protestos iniciada por estudantes do Ensino Médio, em resposta ao aumento de preços da passagem do metrô de Santiago, iniciando a onda de protesto que ficou conhecida como Primavera do Chile ou Revoltas no Chile (MOYA; GALLARDO, 2019).

Na Colômbia, uma onda de protestos em 2019 se contrapunha a um “pacotão” de medidas do governo Duque que impactariam nas pensões, idade de aposentadoria e salário-mínimo para jovens. Parte importante do público presente nas manifestações eram jovens de universidades públicas e privadas que pediam mais investimentos em educação (BBC NEWS BRASIL, 2019). Essa era a pauta um pouco antes do avanço da pandemia na região.

Grandes protestos recentes na América Latina também tiveram como pauta a defesa de ideais feministas. Em 2015, ocorreu o protesto chamado *Ni una a menos* na Argentina pelo fim da violência contra a mulher. Na *internet*, diversas mulheres denunciaram episódios de assédio, inclusive cometidos por celebridades, o chamado *#Yotambién* argentino em referência ao *#MeToo* americano. Em 2016, no México, foi lançada a campanha *#Miprimeroacoso*, inspirada na *hashtag* brasileira

contra o assédio (AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO, 2018). No Brasil, milhares de mulheres foram às ruas em 2018, contra o então candidato Jair Bolsonaro e o projeto que ele representava, em uma série de protestos que ficou conhecida pelo símbolo que se disseminou nas redes sociais: #EleNão (PEREZ; MOURA; BANDEIRA, 2021).

Em meio a esse intenso ciclo de protestos, a pandemia causada pela Covid-19 espalhou-se pelo mundo. Conforme as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), uma das principais formas de se conter a pandemia seria por meio do distanciamento social. Em respeito a essas orientações e com receio de avanço da doença, ainda no começo da pandemia, países como Bolívia, Chile, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Uruguai e Venezuela decretaram fechamento imediato de universidades, restaurantes, bares, teatros, encerramento de atividades coletivas de todos os tipos, fechamento das fronteiras, portos e aeroportos e declaração de estado de emergência em território nacional, além de uma quarentena imediata e mais focada em idosos acima de sessenta anos (BBC NEWS MUNDO, 2020).

O Brasil – o maior país em extensão populacional e territorial da América Latina – não foi o primeiro a tomar medidas de isolamento, mas seguiu a tendência dos demais e determinou fechamento de fronteiras terrestres, aquáticas e aéreas, bem como testes de Covid a quem por ventura retornasse ao país. Também desenvolveu políticas econômicas e sociais como forma de garantir aderência civil à quarentena, como o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda (PEMER) (BRASIL, 2020). Porém, diferente de alguns países vizinhos, o governo federal brasileiro não possui ações coordenadas com as demais unidades federativas do seu território. E mais grave, vem negando a importância da doença e das medidas para conter o seu avanço (PEREZ; SANTANA, 2020).

Em razão da necessidade de isolamento, pode-se esperar que as juventudes tenham alterado as suas estratégias de ativismo político, deixando por exemplo de fazer protestos. Por outro lado, a pandemia revelou e aprofundou as desigualdades sociais, prejudicando especialmente os grupos que já são mais vulneráveis e sujeitos a opressões sociais, tais como mulheres, negros e os próprios jovens – o que poderia incentivar mais mobilizações políticas.

Conforme demonstramos a seguir, em que pese a necessidade de isolamento social, os protestos não cessaram durante o período pandêmico. Muitos deles trouxeram pautas já bastante discutidas anteriormente pelas juventudes, enquanto outros revelaram a importância da defesa dos sistemas de saúde públicos. Quanto às estratégias, a ocupação das ruas continuou a acontecer, embora em alguns casos adaptadas ao contexto pandêmico.

No Brasil, depois da pandemia, ocorreram protestos que denunciavam a morte de negros,

em especial dos jovens. Os primeiros demonstraram apoio aos protestos norte-americanos conhecidos como *#blacklivesmatter* e que foram organizados como reação à morte do segurança George Floyd, após uma abordagem policial. Em território brasileiro, tais protestos tinham como lema “Vida Negras Importam” e lembraram os jovens negros mortos por policiais (BRASIL DE FATO, 2020). Nota-se que racismo já é um tema bastante discutido entre a juventude que se mobiliza politicamente no Brasil (PEREZ; SOUZA, 2020). Logo, esse conjunto de protestos revela a continuidade de pautas já debatidas antes da pandemia e, com isso, a continuidade no ciclo de protestos.

O último grande protesto no Brasil ocorreu no dia 29 de maio de 2021, em diversas cidades e ficou conhecido pela sigla 29M. A pauta principal foi o ataque ao governo Bolsonaro e ao modo como o governo federal vem conduzindo a prevenção e o tratamento da Covid-19. A defesa da vacinação foi a segunda principal pauta. Os protestos contrários ao projeto representado pelo presidente Bolsonaro já eram frequentes desde a possibilidade de sua eleição, a exemplo do protesto *#EleNão* (PEREZ; MOURA; BANDEIRA, 2021) e daqueles em defesa da educação de 2019. Essa pauta continuou central nos protestos durante o período pandêmico, como comprova o 29M.

No que tange às estratégias, é possível notar algumas diferenças. Os protestos continuaram a ser uma das principais formas de expressão das demandas das organizações políticas das juventudes, mas alguns deles foram feitos adaptando-se ao contexto da pandemia. O cartaz de divulgação de um protesto em defesa da vida dos jovens negros que ocorreu no Rio de Janeiro no início de maio de 2020 orientava os protestantes a seguirem as orientações de segurança sanitária com os seguintes dizeres: “[...] mantenha distância de dois metros das outras pessoas, volte para casa depois do ato, não crie aglomerações, vá de máscara. Se for grupo de risco, não vá” (BRASIL DE FATO, 2020). De forma semelhante, a divulgação dos protestos do dia 29 de maio contra o governo Bolsonaro orientava o uso de máscaras, álcool gel e distanciamento entre os manifestantes.

Na Colômbia, os protestos iniciados em 2019 contra as medidas de austeridade do presidente Iván Duque ficaram ainda maiores durante a pandemia. Milhares de manifestantes foram às ruas em 28 de abril de 2021 para protestar contra a reforma tributária que supostamente equilibraria as contas do governo depois da pandemia. Após cinco dias de protestos, quando começavam a surgir os primeiros casos de repressão policial, o presidente retirou a reforma e depôs o ministro que a elaborou. Os protestos, entretanto, ficaram ainda maiores. Os manifestantes levantaram postos de vigilância e barricadas. Para reprimi-los, a polícia dispersou com violência as multidões. Ao menos 27 pessoas morreram, na maioria jovens, segundo dados oficiais, e quase mil ficaram feridas (EL PAIS, 2021). No caso da Colômbia, a onda de protestos durante o período da pandemia revela uma continuidade tanto em relação às pautas, que já eram mote dos protestos de 2019, quanto em

relação às estratégias – novamente a ocupação das ruas, mas desta vez ainda maior.

Esse também é o caso do Chile, que já vinha passando por uma onda de protestos antes do período pandêmico com forte crítica por parte dos jovens ao sistema político, econômico e social do país. Logo no início da pandemia, em março de 2020, estudantes, em sua maioria secundaristas, protagonizaram novos protestos em vários pontos de Santiago, em uma onda de manifestações convocada na ocasião do segundo aniversário do governo do presidente direitista, Sebastian Piñera (G1, 2020). Após um acordo com o Congresso, o governo Piñera promoveu um referendo para consultar os chilenos sobre a reforma da Constituição. A maioria dos chilenos decidiu pela nova Constituição e o processo está um curso. Nesse caso, nota-se que os protestos durante a pandemia tiveram as mesmas pautas e estratégias dos protestos anteriores.

Também houve continuidade em relação às pautas já debatidas anteriormente em países como Argentina. Lá as mobilizações de 2018 para a legalização do aborto se replicaram em 2020, por conta da apresentação de um novo projeto de lei do Poder Executivo. A onda verde dos movimentos *#QueSeaLey* contribuiu para a aprovação do projeto de lei que permite interrupção da gravidez até a 14<sup>o</sup> semana de gestação, com apoio do governo Fernández (EL PAIS, 2020).

Por outro lado, uma importante pauta foi acrescentada aos protestos que ocorreram durante o período pandêmico: a defesa dos sistemas públicos de saúde. No Brasil, por exemplo, no dia 07 de abril de 2021 (Dia Mundial da Saúde), diversos movimentos realizaram protestos em defesa do sistema único de saúde (SUS) – que é uma política pública destinada a garantir o direito constitucional do atendimento à saúde para todos os brasileiros. Em geral, esses protestos também defendiam a vacinação contra a Covid-19 e denunciavam o projeto negacionista do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) (AGÊNCIA AIDS, 2020). Os protestos de 29 de maio de 2021 pediam o aceleração do processo de vacinação que é feito pelo sistema público de saúde, o que demonstra a defesa do sistema.

A pauta da defesa da saúde não é bem uma novidade. Ela foi uma das principais bandeiras dos movimentos sociais que lutaram no Brasil pela redemocratização e pela possibilidade da sua população ter direitos, inclusive à participação política. Tampouco é surpresa que essa temática tenha vindo a ser uma das principais pautas de manifestações no contexto atual, dado que o sistema público de saúde tem sido responsável pelo atendimento aos doentes de Covid-19.

Mas nem todos os protestos durante o contexto da doença pediam a ampliação dos direitos. Vários protestos menores questionavam as medidas de isolamento social e a utilização da vacina contra a Covid-19. Muitos deles, como os que vêm ocorrendo no Brasil, apoiavam o projeto de figuras políticas mais à direita, como Jair Bolsonaro. Esse apoio tampouco é uma novidade: antes

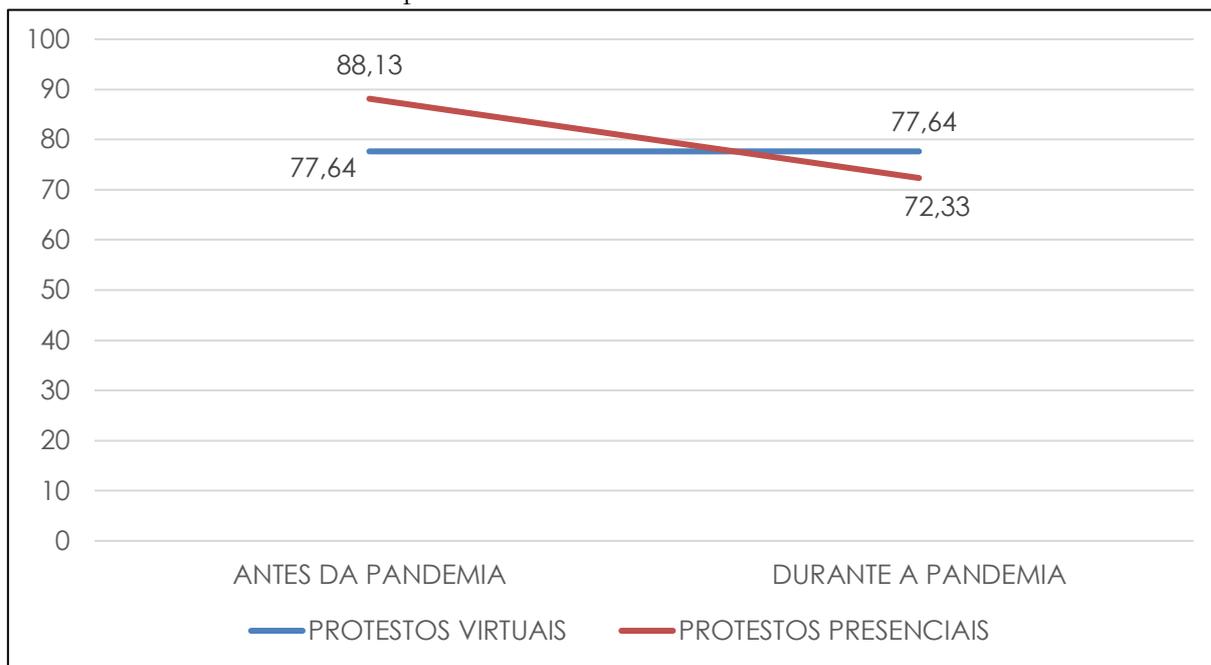
da pandemia os protestos em apoio a projetos políticos semelhantes já tinham como mote a negação dos direitos (TATAGIBA; TRINDADE; TEIXEIRA, 2015).

Alguns desses protestos mais à direita inovaram no sentido de manter certo isolamento social, com a realização, por exemplo, de carreatas em que os protestantes tinham pouco contato entre si. No entanto, outros desprezaram as medidas de distanciamento social. Esse foi o caso do protesto antivacina da Covid-19 realizado no Uruguai em abril de 2021, que acabou em prisão de alguns manifestantes sem máscaras que se recusaram a encerrar a aglomeração (ÉPOCA, 2021).

Outros protestos aconteceram na América Latina em países como o Equador e o México, mas os exemplos retomados já mostram continuidades e alterações nas pautas e estratégias das mobilizações políticas no período da pandemia. De modo geral, os protestos continuaram a acontecer ainda que alguns tenham sido adaptados para garantir certo isolamento. Suas pautas tratavam de discussões que já existiam na América Latina, como a importância dos direitos para grupos mais sujeitos a opressões sociais como mulheres, negros e jovens, agora somados à defesa dos sistemas de saúde. O contexto de crise causado pela pandemia não significou, portanto, uma grande ruptura ou o início de um outro ciclo de protestos. Na verdade, os ciclos em curso adaptaram-se ao contexto.

Para confirmar essas análises que apontam mais para continuidades nos ciclos de protestos, retomamos dados de uma pesquisa recente da Clacso (VÁZQUEZ et all, 2021), que aplicou 165 questionários para organizações de juventude ibero-americanas.

**Gráfico 1** - Protestos antes e depois da Pandemia

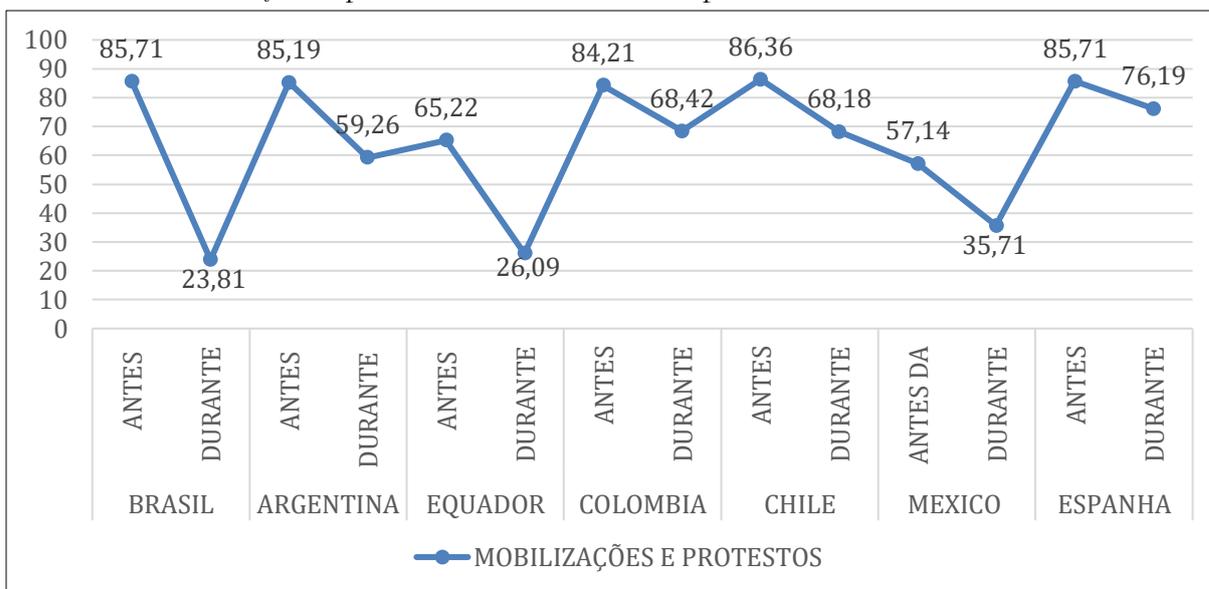


Fonte: Elaboração própria com base em Vázquez et all (2021).

Conforme dados do gráfico 1, não houve variação significativa no modelo de protestos (virtuais ou presenciais) antes e depois da pandemia. Antes da pandemia, 88% das organizações realizavam protestos presenciais e 77% delas realizavam também protestos virtuais – o que inclui denúncias pela *internet*, envio de mensagens em massa por aplicativos, utilização de determinados símbolos nas redes sociais etc. O número de protestos virtuais se mantiveram após o início da pandemia, enquanto os protestos nas ruas caíram um pouco. Esses dados corroboram o que já demonstramos a respeito da continuidade dos ciclos de protestos nos países ibero-americanos.

Para averiguar as mudanças nas mobilizações políticas das juventudes, no caso de países como o Chile e a Colômbia, que estavam passando por um intenso ciclo de protestos precisamente no início da pandemia, o gráfico 2 demonstra as mudanças por países:

**Gráfico 2** - Mobilizações e protestos antes e durante da pandemia



Fonte: Elaboração própria com base em Vázquez et all (2021).

Conforme os dados do gráfico 2, de um lado, em países como o Brasil, Equador e México, a quantidade dos protestos reduziu significativamente. Por outro lado, na Argentina, Colômbia, Chile e Espanha, não houve tanta diminuição na realização de protestos – eles continuaram a acontecer em mais de 50% das organizações pesquisadas. Essa variação pode ser explicada pelo fato de que esses últimos países estavam passando por um intenso ciclo de protestos mesmo antes da pandemia. Eles não arrefeceram durante o período. Já no bloco dos países em que o número de protestos decresceu muito com a pandemia, como no caso do Brasil, o ciclo já estava perdendo o fôlego desde meados de 2019.

Novamente, os dados demonstram mais continuidades em relação ao ciclo de protestos. A

crise provocada pela pandemia não desencadeou rupturas e grandes novidades no campo da mobilização de políticas das juventudes. Obviamente houve uma diminuição conforme a necessidade do isolamento social, mas não uma grande ruptura em relação ao que já vinha acontecendo na região. O que explica as continuidades nos grandes protestos é o fato de eles já terem sido iniciados antes da pandemia e de suas pautas ainda não terem sido atendidas, como no caso da Colômbia e do Chile.

### Considerações finais

O mundo parece ter se alterado totalmente com a pandemia de Covid-19 e as graves consequências sanitárias, sociais e políticas derivadas desse contexto de crise. Essas mudanças poderiam ter alterado os ativismos das juventudes latino-americanas, por exemplo, com a interrupção das ações de protestos que exigem em sua maior parte a presença dos manifestantes.

Esses não foram os resultados encontrados na pesquisa. Mostramos as continuidades nas pautas e estratégias dos protestos durante a pandemia. Em que pese a retomada de pautas como a questão de saúde e a utilização mais acentuada das TICs, o ciclo que já havia se iniciado em diversos países da América Latina continuou durante o período pandêmico. As conclusões que podemos chegar a respeito das mudanças ocorridas durante a pandemia são, portanto, mais tímidas do que poderíamos supor: o contexto de intensa crise não altera os ciclos de protestos.

Havia inclusive uma esperança de que a crise provada pela Covid-19 pudesse alterar as relações humanas e ampliar as iniciativas estatais no que concerne à garantia de direitos, em especial para aqueles mais desprivilegiados, mas isso também não aconteceu. A pandemia apenas revelou e intensificou as desigualdades. Por isso, os protestos devem manter suas antigas bandeiras, somadas às necessidades de atenção à saúde para os doentes e para aqueles que apresentam sequelas de doenças causadas direta ou indiretamente pelo coronavírus.

Sugerimos, à guisa de conclusão, estudos que versem sobre o aprofundamento das desigualdades sociais durante a pandemia e a omissão dos governos federais/centrais – esses, sim, os grandes motivos para os latino-americanos irem às ruas e exigirem mais direitos.

### Referências

AGÊNCIA AIDS. No Dia Mundial da Saúde, movimentos realizam protestos em defesa do SUS. *Agência AIDS*. 2020. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/no-dia-mundial-da-saude-movimentos-realizam-protestos-em-defesa-do-sus/>. Acessado em: 10 maio 2021.

AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. *No Brasil, agenda feminista começou antes do #METOO*. 2018. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/no-brasil-agenda-feminista-comecou-antes-do-metoo/>. Acessado em: 14 maio 2021.

ALMEIDA, R. Bolsonaro Presidente: Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estudos CEBRAP* [online], v. 38, n. 1, p. 185-213, 2019.

ARAÚJO, Rogério de Oliveira; PEREZ, Olívia Cristina. Antipartidarismo entre as juventudes no Brasil, Chile e Colômbia. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, n° 50, v.26, p. 327-349, 2021.

BAQUERO, M.; MORAIS, J. A. A internet e a (des)politização dos jovens brasileiros. *Revista Cadernos de Campo*, Araraquara, n. 25, p.33-62, jul./dez. 2018.

BBC NEWS BRASIL. *O que move os protestos na Colômbia, mais um país latino-americano em onda de manifestações*. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50533914>. Acesso em: 20 maio 2021.

BBC NEWS MUNDO. *CORONAVÍRUS: Cómo hace frente al covid-19 cada país de América Latina*. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-51881075>. Acesso em: 15 maio 2021.

BOGHOSSIAN, C. O.; MINAYO, M. C. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v.18, n. 3, p. 411-423, mar. 2009.

BRASIL. *Lei nº 14.020, de 6 de julho de 2020*. Institui o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda. 2020. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2020/lei/L14020.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L14020.htm). Acesso em: 14 jul. 2021.

BRASIL DE FATO. *Vidas negras importam: protestos crescem nos EUA e Rio tem manifestação neste domingo*. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/05/31/protestos-por-george-floyd-crescem-nos-eua-rio-tera-manifestacao-neste-domingo-31>. Acesso em: 14 jul. 2021.

DE LA CUADRA, F. Conflito social e movimento estudantil no Chile. *Estudios históricos*, v. 21, n. 42, p.173-194, jul./dez. 2008.

EL PAIS. *Argentina legaliza o aborto e se põe na vanguarda dos direitos sociais na América Latina*. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-12-29/votacao-historica-no-senado-de-projeto-para-legalizar-aborto-na-argentina.html>. Acesso em: 6 maio 2021.

EL PAIS. *Os gritos de uma Colômbia que explode nas ruas*. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-05-08/protestos-na-colombia-abrem-crise-sem-precedentes-e-sem-rota-de-saida.html>. Acesso em: 14 maio 2021.

ÉPOCA. *Polícia prende seis pessoas em protesto antivacina no Uruguai*. 2021. Disponível em: <https://epoca.globo.com/mundo/policia-prende-seis-pessoas-em-protesto-antivacina-no-urugai-veja-video-24986366>. Acesso em: 16 maio 2021.

FOLHA DE S. PAULO. *Protestos de junho de 2013 atraíram 1 milhão no auge*. 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1602961-protestos-de-junho-de-2013-atrairam-1-milhao-no-auge.shtml>. Acesso em: 18 maio 2021.

FOLHA DE S. PAULO. *Pesquisa aponta aumento de ansiedade e tristeza em jovens na pandemia*. 2020a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/08/pesquisa-aponta-aumento-de-ansiedade-e-tristeza-em-jovens-na-pandemia.shtml>. Acesso em: 1 jul. 2021.

FOLHA DE S. PAULO. *Descolamento do desemprego dos jovens bate recorde*. 2020b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/descolamento-do-desemprego-dos-jovens-bate-recorde.shtml>. Acesso em: 17 maio. 2021.

G1. *Protestos e paralisações contra cortes na educação ocorrem em todos os estados e no DF*. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/05/15/cidades-brasileiras-tem-atos-contra-bloqueios-na-educacao.ghtml>. Acesso em: 1 jul. 2021.

G1. *Quase 40% dos alunos de escolas públicas não têm computador ou tablet em casa, aponta estudo*. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/09/quase-40percent-dos-alunos-de-escolas-publicas-nao-tem-computador-ou-tablet-em-casa-aponta-estudo.ghtml>. Acesso em: 1 jul. 2021.

MOYA, J. S.; GALLARDO, V. S. Una generación «sin miedo»: análisis de discurso de jóvenes protagonistas del movimiento estudiantil chileno. *Última década*, v. 27, n. 51, p. 225-257, jul. 2019.

PEREZ, O. C. Relação entre coletivos e as Jornadas de Junho. *Opinião Pública*, Campinas, n. 3, v. 25, p. 577-596, set./dez. 2019.

PEREZ, O. C. Sistematização crítica das interpretações acadêmicas brasileiras sobre as Jornadas de Junho de 2013”. *Izquierdas (Santiago)*, v. 1, p. 1-16, 2021.

PEREZ, O. C.; MOURA, T. V.; BANDEIRA, C. Protestos a favor dos direitos das mulheres e contra a gestão Bolsonaro. *Latin American Perspectives*, No prelo, 2021.

PEREZ, O. C.; SANTANA, L. Ações do Consórcio Nordeste no combate à pandemia de Covid-19. *Nau - A Revista Eletrônica da Residência Social*, v. 11, n. 21, p. 259-270, abr./nov. 2020.

PEREZ, O. C.; SOUZA, B. M. Coletivos universitários e o discurso de afastamento da política parlamentar. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 46, 2020.

RIBEIRO, E. Participação política e juventude: mudança no padrão de relacionamento entre os cidadãos e a política? *Em Debate*, Belo Horizonte, v.4, n. 8, p. 26-34, nov. 2012.

TARROW, S. *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TATAGIBA, L. 1984, 1992 e 2013: sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. *Política & Sociedade: revista de sociologia política*, Florianópolis, v. 13, n. 28, p. 35-62, set./dez. 2014.

TATAGIBA, L.; GALVÃO, A. Os protestos no Brasil em tempos de crise (2011-2016). *Opin. Pública*. Campinas, v. 25, n. 1, p. 63-96, jan./apr. 2019.

TATAGIBA, L.; TRINDADE, T.; TEIXEIRA, A. C. Protestos à direita no Brasil (1997-2015). In: CRUZ, S. V.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (eds.), *Direita, volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

VÁZQUEZ, M. et all. *Acciones colectivas durante la pandemia*. Encuesta Acciones Colectivas Juveniles durante la Pandemia. Informe GT Infancias e Juventudes – Clacso, No prelo, 2021.

VÁZQUEZ, M. et all. Jóvenes Y Militantes: Un Estudio Sobre La Participación Estudiantil, Partidaria Y Territorial (2012-2015). *Instituto De Investigaciones Gino Germani (Uba)*. Documentod de Trabajos, n. 82, 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Modes of transmission of virus causing COVID-19: implications for IPC precaution recommendations*. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/commentaries/detail/modes-of-transmission-of-virus-causing-covid-19-implications-for-ipc-precaution-recommendations>. Acesso em: 18 maio 2021.